

Fonte: C. Povo

Class.:

Data: 26.09.67

Pg.: 12

IV - DRAMA DE 1.080 FAMÍLIAS INDÍGENAS RIO-GRANDENSES

Tomaz de A. Lisboa e Egidio Schwade

Dia 24 de abril de 1967, sexta-feira-santa, no Tóldo Indígena de Votouro, no Mun. de São Valentim, Estado do Rio Grande do Sul entrevistamos os índios Juvêncio Paulo e Batista de Oliveira. Caminhávamos os seis quilômetros que medelam o posto e a Vila Benjamin Constant. Os dois índios — cujo testemunho hoje publicamos — nasceram e residem no tóldo Ventarra, no Mun. de Getúlio Vargas. São, portanto, testemunhas oculares do que lhes sucedeu quando da transferência dos índios do Ventarra para o Votouro.

Como já foi referido no artigo II da série — o tóldo Ventarra dos índios Caingangues foi repartido em colônias sem que o índio recebesse um vintém sequer, além da passagem para sair do tóldo.

A TRANSFERENCIA

Inicialmente, Juvêncio Paulo nos disse que a transferência se deu no ano de 1963, no dia 23 de maio.

A história "começou quando veio uma ordem do Governo do Estado que dizia que se parasse todo o serviço indígena no

posto, porque os índios deviam ser permutados todos para a área do Votouro.

Para não contrariar a ordem combinamos que iríamos vir todos unidos, porque nos prometiam ajudar no sustento dos nossos filhos, assistência médica... em troca do tóldo que deixávamos.

A RECOMPENSA

Mas chegando aqui — se nós queríamos viver, comer, vestir... nós se tinha de agarrar do que tinha, desfazê-nos e vendê os nossos objeto por menos da metade do valor porque os tinhamos comprado".

A esta altura Juvêncio Paulo passou a palavra a seu colega de infortúnio, sr. Batista de Oliveira — que passou a relatar com voz cheia de comção o de que ele pessoalmente se desfez para conseguir dar sustento à sua família.

"Eu para poder matar a fome dos meus filhos, a primeira coisa que eu vendi foi um fogão esmaltado, que agora vale mais do que cento e tantos contos. Vendi lá por dezotto contos. Terminou aquilo, vendi meia dúzia de cadeiras por dois e quinhentos, pelas quais pagara seis contos naquele tempo. Vendi então um colchão, vendi com cama e tudo. Vendi completo. Vendi tudo, bem dizê, dado, botado fora. E uma coisa pela qual eu tinha sofrido, lutado, p'rá comprá e depois botá fora..."

E prossegue com indignação: "Mas por culpa de quem? Isto é por causa desse senvergonhismo. Transferir-nos p'rá cá sem nós dever coisa nenhuma".

"OS HOME QUE ESTAO EM LUGA DOS NOSSOS PAI"

Então Juvêncio interrompeu a conversa do companheiro, para mostrar-nos a sua bela roça de milho, ao longo da qual estávamos caminhando. E, enquanto um gavião e umas baítacas cantavam empoleirados, não longe da estrada, para assim enfeitar a gravação dessa trágica história de uma tribo, Juvêncio retomou o fio da conversa:

"Deviam de reconhecer alguma pequena coisa, que fôsse. Ao menos dar-nos a metade do que fôsse justo. Porque nós não queríamos contrariar. Fômos todos para ser unidos. E o que fômos ganhar foi só sofrimento, perseguições, e diversas vezes precisava de faja com os home, que estão em lugar de nossos pai, e nunca davam orientação coisa nenhuma.

Olha para fazer uma casa, madeira não querem dá. E tem madeira apodrecendo aí. Madeira morta. Não se aproveita nada. Para fazê um chiqueiro não dão. Tem que tirar licença, quando dão. E tanta madeira existe aí, tudo quanto é espécie: louro, cabriúva, crápia, angico... Madeira que devia de ser aproveitada por qualquer um, que tem necessidade de um ranchinho, uma casa ou fazê uma encerra de porco.

Ainda passávamos pela roça de Juvêncio, que nos ia dizendo com orgulho: "Tudo isto foi feito com meu sacrifício. Não tirei um grão de semente que fôsse do pósto. Tudo feito à braço".

Juvêncio nos referiu então que o número de famílias indígenas retirados do Tóldo Ventarra era de 39 famílias, num total de 156 índios. Parte deles estão agora residindo no Votouro: O resto 13 ou 14 famílias vivem estraviados pelas colônias — "trabalhando para colonos a fim de que tenham o que comer".

A INCERTEZA CONTINUA...

O que é feito do terreno do Ventarra? — Perguntamos. "Foi colonizado, vendido para o povo. E' da reforma do IRGAS (é provável que queria dizer IGRA), deve de ser.

Mas nada ganhamos. Ganhamos o que temo aqui. Que se nós quisermos ter alguma coisa, se temo que virá, trabalho, se sacrificá... E procura forcejá... porque semo pobre.

Temos além disso que vivê aqui com patrícios que tem um sistema de vida um pouco diferente do nosso". (Os índios do Votouro pertencem a outro grupo de índios: Isto provoca necessariamente entrechoques...)

"Eles pensam diferente. Quando nós apresentemo um plano eles acha que nós os qué explorá... Assim eles não entra direito em acôrdo com nós..."

Passávamos em frente à casa de Batista e ele nos explicou o material com que construiu a sua casa. E' feita de esteiras de taquaras, as paredes são de tábuas serrada. "O chão é só de chão, mesmo. Durmo em cama, tarimba..." explicou-nos.

"Se agora nós deixasse trabalhar — prosseguiu Juvêncio — nós se viremo. Porque nós já sofremo demais. E daqui p'rá frente queremos procurá de melhorá nossa situação.

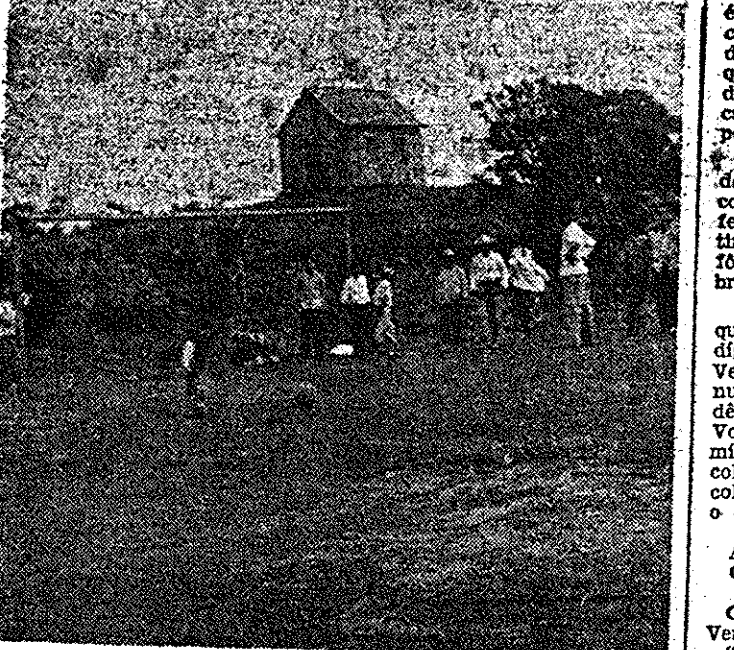
Até agora ainda não temo garantia de que esta terra onde moremo vai ser nossa. Quando fizemos a permuta falei p'rá o chefe: "Eu estou de acôrdo, mas a única coisa que eu peço. Eu quero que o senhor me garante, me dá um mapa desses terreno aqui! Ele me garantiu que ia me dá e não precisava de tê dívida nenhuma. Mas até o dia de hoje não me dá mais bola.

Assim nem aqui estamos garantidos. Mas se é para sair daqui, então quero os meus direito. Porque p'rá trabalhá como colono também já sirvo. Já dá p'rá me dirigi por conta."

Realmente no incerteza é angustiante a Votouro. Também aí já cortaram 51 colônias e exatamente a melhor parte da área, o que colocou o índio numa situação de irremediável via para o extermínio. A parte repartida a colonos representa mais de um terço da área total. Agora temos de um lado os agrada os índios e do outro os colonos e seus bolichos de cachaça, que levam o vírus do extermínio do índio.



Será que as flechas de brinquedo das crianças índias vão ser necessárias para defender as terras?



Índios são brasileiros até na paixão pelo futebol. Ao alto, a toca igrejinha

Sueco Ensinou Gaúchos a Fazer Cooperativas

O Serviço Social da Indústria — SESI — que vem prestando decisivo auxílio às cooperativas de trabalhadores, promoveu, com a colaboração das cooperativas de consumo do Estado, a vinda do técnico sueco dr. Jack Walter Ames ao nosso Estado, tendo em vista o processamento de um estudo de viabilidade relativamente ao erguimento de um Armazém Regional (A. R.) para as cooperativas de consumo.

Chegando à nossa Capital na quarta-feira passada por volta das 11h30m aquele técnico desenvolveu intenso programa de trabalho elaborado por uma Comissão composta de cinco cooperativas e com a assistência do Setor de Cooperativismo do SESI, que se prolongou até sexta-feira pela manhã.

Em seu programa de visitas às cooperativas, selecionou 2 unidades cuja escolha recaiu relativamente ao tamanho, ou seja uma cooperativa grande, uma média e uma pequena, na área de Porto Alegre. Das observações ali realizadas, pôde constatar o deficiente sistema com que as cooperativas de consumo vêm operando em praticamente todos os setores, destacando-se o antiquado mecanismo de entrega de ramos, acomodação irregular de mercadorias quer no auto-serviço, quer na área de armazenagem, áreas de venda ocupada com serviço burocrático (escritório) etc., concluindo que a solução dessas falhas primárias poderiam ser encontradas através de uma Central de Serviços, cujo principal objetivo seria a centralização de estoque e serviços com a diminuição sensível da percentagem de despesa para as cooperativas e aumento de vendas.

uma comissão composta de cinco a sete membros (representantes de cooperativas e técnicos do SESI) para preparar um "Projeto Piloto" que teria sua orientação. Esta Comissão se dividiria em grupos os quais traçariam normas sobre a viabilidade de funcionamento dessa Central de Serviços. (O Armazém Regional, miolo da Federação). A Comissão estudaria a viabilidade de execução do serviço de Transporte (interno e externo) Contabilidade, o Armazém Regional (área, localização, etc.). Treinamento e Educação (divulgação sistemática sobre a necessidade de integração), etc.; além de outras pesquisas tais como, número de empregados existentes nas cooperativas e suas qualificações, a entrega a domicílio (quantas pessoas desejam ser atendidas por este serviço; residência, divisão da área em distritos, quantas entregas poderiam ser transferidas inicialmente para o Armazém-Regional) etc.

A Comissão que será integrada por elementos de cinco cooperativas e técnicos do SESI, será denominada "Comissão Plano AMES". Dependendo da utilidade do "Projeto Piloto" que será elaborado pela Comissão Plano Ames, e avaliada por equipe técnica, poderão as cooperativas de consumo gaúchas contar com a ajuda da Organização das Cooperativas da América (OCA) com sede em Porto Rico e Aliança Cooperativa Internacional (ACI) com sede em Londres, que propiciarão a presença de técnicos internacionais em nosso Estado para a aplicação do Plano Ames de Desenvolvimento. Calcula-se em 6 meses o tempo que a Comissão Plano Ames deva ocupar entre pesquisa e elaboração do "Projeto Piloto".

No flagrante, vemos ao centro o renomado técnico momentos antes do início da reunião com as cooperativas, quarta-feira última.